

A FAMÍLIA DESCASADA: UMA NOVA PERSPECTIVA¹

Liana Fortunato Costa²
Universidade de Brasília

RESUMO - O presente trabalho trata do estudo sistêmico da família des-casada, procurando conhecer melhor sua interação e competência. O estudo refere-se, especificamente, ao sistema des-casado mãe/filhas. Para isso optamos pelo método de estudo de caso, que entendemos como a melhor forma de estudar tal configuração familiar com maior globalidade e abrangência. Compreendemos a família des-casada como uma estrutura qualificada em si mesma e que sua competência é vivida de modo diferente quando de sua condição de casada. Os resultados, analisados sob a dimensão qualitativa, levam-nos a focar a família des-casada não como uma estrutura problemática, mas sim como um sistema em transição para a efetivação de mudanças.

Palavras-chave: família, des-casamento, homeostase, delegação, adolescência.

THE DIVORCED FAMILY: A NEW PERSPECTIVE

ABSTRACT - The present paper deals with the systemic study of the divorced family and intends to better understand this family's interaction and competency. The study is related specifically to the system -divorced mother and her daughters. We chose the Case Study Method, which we believe as being the best way to study such a familiar configuration in its entirety. We see the divorced family as a qualified structure in itself, whose competency is experienced differently from the one of married family. The results analysed qualitatively lead us to focus the divorced as not being a troublesome structure, but as a system in transition toward the effectiveness of changes.

Key-words: family, divorce, homeostasis, delegation, adolescence.

A família des-casada tem sido, no Brasil, objeto de pouco estudo, embora autores como Bucher (1979), Costa e Katz (1985), Maldonado (1986) e Carneiro (1987), estejam conduzindo, atualmente, diversos estudos sobre o tema. Como bem aponta

1. Dissertação de mestrado defendida em 30 de agosto de 1989 no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob o título: A Família Descasada: Interação, Competência e Estilo. Estudo de Caso.
2. Endereço: Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, CEP70.919-Brasília, DF.

Barsted (1987), no Brasil, o modelo de família presente nos discursos é o da família monogâmica e nuclear. A concepção de família é sempre um núcleo fundamental composto por pai, mãe e filhos.

É inegável que a família vem mudando, e necessita que a sociedade reconheça e aceite esse movimento incontestável. Ainda assim, encontramos muita dificuldade em levantar dados estatísticos ou outros estudos que elucidem melhor a representação das separações conjugais, e, em especial, a situação da mulher descasada que fica com os filhos, apesar de sabermos ser essa configuração a que mais surge em consequência da separação conjugal. Apenas uma publicação - *Perfil estatístico de crianças e mães no Brasil* - indica a porcentagem (11%) de crianças e adolescentes que vivem em domicílios particulares em famílias compostas por "mulher chefe sem cônjuge" (p. XXI) e seus filhos, porém sem detalhar o estado civil dessas mulheres. Dentro do contexto social brasileiro, numa família descasada de classe social média, a mulher vai se defrontar com várias situações novas, como necessidade de reestruturar sua vida pessoal, reorganizar relacionamento com os filhos, rever sua auto-estima, seu *status* social e sua condição econômica. Especialmente no contato com os filhos, questões como autoridade, autonomia de decisão, são aspectos que ficam em evidência.

Nosso interesse se concentra no estudo da funcionalidade da família descasada, no caso específico da mulher descasada que fica com a guarda e com a responsabilidade sobre seus filhos.

Qual a qualidade na interação que providencia a possibilidade de introdução, aceitação e manutenção de comportamentos novos no descasamento?

A opção de mudança para um sistema descasado indica uma tendência de facilitação de saúde mental?

Como a família descasada lida com o passado do casamento? Como é vista, na atualidade, a evolução da família para o descasamento? Que expectativas têm seus membros sobre a evolução do sistema descasado?

Foi a partir de algumas questões como essas que nos encaminhamos para uma pesquisa sobre a família descasada, através de um estudo de caso. sob o enfoque da teoria sistêmica, no sentido de melhor compreender essa configuração familiar, tanto no plano da interação como de sua evolução, enquanto sistema aberto e dinâmico.

Fundamentação teórica

A Constituição Brasileira, promulgada em 1988, em seu artigo 226, parágrafo 4º, diz: "Entende-se também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes" (p. 147).

Consideramos, além do grande avanço social alcançado, que esta posição legislativa introduz o reconhecimento de sistemas familiares formados por um dos cônjuges e seus filhos. Entendemos que, finalmente, essa configuração familiar, existente na prática há tantas décadas, tem, na lei, sua inserção justa e coerente, embora ainda sofra pressões sociais, políticas e econômicas.

O presente trabalho embasa-se na teoria sistêmica, que considera a **família** descasada como um sistema viável e em transição (Minuchin, 1985). **A família** sendo um organismo vivo, auto-regulado por regras, deve sempre ser compreendida em seu

contexto sócio-cultural (Andolfi, 1981; Minuchin, 1982), e em sua evolução histórica (Satir, 1977; Berenstein, 1984). Estas duas dimensões é que norteiam nossas considerações.

A maior parte da literatura publicada até então insiste em estudar a família descasada, sempre em comparação com a família compreendida por pai/mãe/filhos. Em nossa opinião esta perspectiva não faz justiça àquela configuração que tem sido, cada vez mais, um referencial familiar para um grande número de filhos. Colocamo-nos ao lado de Minuchin (1985) a respeito da viabilidade da família descasada.

Entendemos que a família descasada possui as mesmas possibilidades de qualificação que qualquer outra composição familiar, e também que a separação introduz uma mudança necessária e inevitável no padrão de interação entre os membros da família. A nosso ver não se trata de uma condição de melhora ou piora, mas de uma mudança de uma diferença entre a qualidade de interação anterior e a atual, no des-casamento.

Alguns conceitos teóricos são importantes de serem aqui apontados, por estarem contidos na discussão que se seguirá.

Vários aspectos podem ser observados na estrutura familiar, como: papéis, sentimento de pertencimento, fronteiras, mitos, etc. O que mais nos interessa no momento é a homeostase. Para Selvini-Palazzoli, Cirilb, D'Etorre, Garbellini, Ghezzi, Lerma, Lucchini, Martino, Mazzoni, Mazzuccheli e Nichele (1987) e Selvini-Palazzoli, Boscolo, Cecchin e Prata (1983), o sistema familiar é caracterizado por duas funções aparentemente contraditórias: a tendência homeostática, o estado estacionário e a capacidade de transformação. Todos os sistemas tendem economicamente ao estado estacionário, mas os sistemas vivos, por sua condição de abertos, recebem estímulos para a transformação. Alguns sistemas encontram um equilíbrio, outros acentuam a estabilidade e não a transformação - mantém o equilíbrio provisório do sistema e garantem sua evolução e criatividade. É o caso, por exemplo, dos sistemas patológicos onde predomina a tendência mais rígida de repetir compulsivamente as soluções já encontradas, a serviço da manutenção da homeostase. A autora assinala ainda que os membros da família não influenciam a outros num sentido unidirecional, mas o comportamento de um membro influencia inevitavelmente a outro e é por este influenciado, num sentido circular. Esta concepção marca uma mudança epistemológica, que é apontada tanto por Selvini-Palazzoli e colaboradores (1983, 1987), como por Shazer (1986) que consiste em abandonar a visão mecanicista-causal dos fenômenos e adquirir uma visão sistêmica; e abre uma nova compreensão do aparecimento do sintoma dentro do sistema familiar como sendo um fenômeno coerente com as características transacionais mais específicas do grupo natural no qual se manifesta.

É, nesse sentido, que desenvolvemos nossa compreensão de como se estrutura a família descasada, especialmente a configuração da família formada por mãe descasada e filhos.

Apesar da mulher descasada, ainda hoje, ver-se diante de tantos estigmas e preconceitos, Minuchin (1985) chama a atenção para o fato de que este sub-sistema mãe/filhos criado a partir da separação conjugal, é uma estrutura típica de transição, que provoca tensão, mas também aumenta a capacidade e faz descobrir novas funções. Aumento de responsabilidade, mudança de papéis, acúmulo de funções, necessidade de maior autoridade são alguns dos aspectos frequentemente estudados

pelos autores sobre o assunto. Muitos desses estudos procuram relacionar o aparecimento de distúrbios mentais, condutas agressivas, alcoolismo e delinquência ao descasamento, como nas publicações de Blumenthal (1967), Jackson (citado em Ackerman, 1976), Offord (1979), Schoettle & Cantwell (1980) e Seagraves (1980).

No entanto, também Jackson (citado em Ackerman, 1976) assim como Kornblit (1984), Lewis, J.; Beavers, R.; Gosset, J. e Phillips, V. (1976) e Beavers (1981) vêm estudando a questão da funcionalidade da família, procurando conhecer melhor a competência e o estilo familiar. Famílias funcionais oferecem a seus membros melhores condições de adaptação às mudanças, os impulsos não são vistos como ameaças, a negociação é estimulada, a hierarquia é clara, a individuação é permitida, o poder não é tomado inflexivelmente.

Porém, como aponta Richter (1979), para se conhecer o nível de saúde familiar, tem-se que pensar a família inserida num contexto social tenso, nos padrões de valores atuais e na capacidade da família de lidar com essas tensões, resolvendo problemas sem punição ou rejeição mútua, sem levar seus membros a formação de sintomas.

É dentro do sistema familiar que os sentimentos de pertencimento e de separação são desenvolvidos (Minuchin, 1982; Anfoli, Angelo, Menghi e Nicolo-Corigliano (1984). O sentido de pertencimento dos membros da família é formado a partir do sentido de pertencer a uma família específica. E o sentido de separação se dá a partir do indivíduo pertencer a vários grupos intra-familiares (sub-sistemas) e extra-familiares diferentes.

A família é um sistema organizado por regras (Jackson, in Ackerman, 1986), onde os membros integram de uma maneira organizada e repetitiva, e esta estruturação preside a vida familiar. Stierlin, Rücker-Embsden, Wetzel e Wirsching (1981) definem regras familiares como leis que atuam sobre gerações e que marcam os papéis, as missões, os legados familiares a cada um dos membros, mas não se encontram claramente conscientes nestes.

Precisamos estudar a família descasada levando-se em conta sua organização, seu contexto cultural, sua interação atual e, principalmente, sua dimensão histórica, que segundo Minuchin (1982) é a verdadeira dimensão sistêmica do estudo da vida familiar. Ao se estudar a família descasada, se somente enfocamos a dimensão inte-racional, temos acesso a compreensão apenas de um momento dentro de um processo de transição.

METODOLOGIA

Para Ludke e André (1986) o estudo de caso é o estudo de uma situação que tem por objetivo retratar a realidade de forma completa e profunda, usando várias fontes de informações, revelando uma experiência repetitiva que permite generalização, mesmo que este aspecto venha a ter pouca relevância. O objetivo é conhecer o que o caso tem de particular, embora posteriormente possamos observar semelhanças com outros casos.

A coleta de dados foi feita com a utilização dos seguintes instrumentos:

- **Questionário de Informação Familiar** constando da identificação de cada membro da família, da renda familiar, tempo de separação e descasamento.

- **Instrumento Sistêmico de Avaliação Familiar** é um método desenvolvido por Robert Beavers (1976), que avalia a competência da família na observação de avaliadores externos; o estilo da família, também na percepção de avaliadores externos, e avalia aspectos de competência e estilo familiar na percepção da própria família. Este Modelo Beavers de avaliação familiar foi utilizado a nível exploratório e procura conhecer a família nas seguintes dimensões: Estrutura da Família, Mitologia, Negociação Dirigida a um Objetivo, Autonomia, Afeto Familiar, Necessidade de Dependência, Estilo do Conflito Adulto, Proximidade, Apresentação Social, Expressão Verbal de Intimidade, Comportamentos Agressivos e Assertivos, Expressão dos Sentimentos Positivos e Negativos, O Bode-Expiatório, Saúde Familiar, Conflito, Comunicação Familiar, Coesão, Liderança e Expressividade.

- **Entrevista Familiar Estruturada - E. F. E.:** é um método de avaliação familiar desenvolvido por Terezinha F. Carneiro em 1975 (tese de Mestrado) que propõe a execução de seis tarefas pela família, visando estabelecer um diagnóstico familiar, distinguindo as famílias que facilitam daquelas que dificultam a saúde emocional de seus membros. A E. F. E. dimensiona as seguintes categorias de avaliação: Comunicação, Regras, Papéis, Liderança, Conflitos, Manifestação da Agressividade, Afeição Física, Individualização, Integração, Auto-Estima, Interação Familiar.

- **A Entrevista Sistêmica de Avaliação Familiar** esta entrevista foi planejada pela pesquisadora com o objetivo de subsidiar hipóteses levantadas com a avaliação de outros instrumentos, confrontar impressões entre os membros da família e complementar informações consideradas importantes para o problema em questão, através do levantamento de áreas do conhecimento do ciclo de vida familiar da família descasada: a história do casamento, a figura paterna e a família de origem da mãe. Nossa pretensão em conhecer estes aspectos visa pesquisar a interação familiar *antes* da separação conjugal e a história da mesma; o relacionamento das filhas com o pai *antes* da separação conjugal e *após*, a participação da família de origem da mãe na interação familiar *antes* e *após* a separação conjugal.

A entrevista foi conduzida nos moldes de uma entrevista inicial de abordagem sistêmica da família, contendo um roteiro a ser cumprido segundo os autores: Minuchin e Fishman (1985), Satir (1977), Sampaio e Gameiro (1985), Stierlin e colaboradores (1981), Elkaim (1988), Gomes (1987), Minuchin (1982), Andolfi (1981), Carneiro (1983), Ackerman (1974).

Para ilustrar tal afirmativa, optamos pelo estudo de caso de uma família descasada, por ser possível, assim, conhecer este sistema de forma abrangente, profunda e longitudinal. Para Bruyne, Herman e Schouteete, o estudo de caso é o estudo feito em profundidade de um caso particular, numa análise intensiva, com a maior reunião possível de informações detalhadas, para se poder obter a apreensão da totalidade de uma situação. A opção pela metodologia do estudo de caso deveu-se, pois, à própria natureza do objeto de investigação: a família descasada enquanto situação complexa e peculiar, abrangendo diferentes dimensões de análise numa perspectiva global, dinâmica e de profundidade.

Descrição do caso

O caso em estudo fica assim definido:

Mãe - M 41 anos, funcionária pública, instrução de nível superior.

Filha - F1 18 anos, estudante, 3º grau. Filha - F2 15 anos,

estudante, 2º grau. Filha - F3 13 anos, estudante, 1º grau.

A mãe permaneceu casada por onze anos, tendo nove anos de separação conjugal. A família foi considerada de classe média, inserida no contexto sócio-cultural da cidade de Brasília, por habitarem no Plano-Piloto, residindo em habitação própria e também pela condição de trabalho da mãe. A família foi voluntária para a experiência e não se encontrava em atendimento clínico em Terapia Familiar, sendo, portanto, segundo Beavers (1981), considerada como funcional.

Este estudo de caso desenvolveu-se na cidade de Brasília, que é uma cidade de uma organização espacial *sui generis*, de grande fluxo migratório, onde as famílias encontram-se afastadas de suas famílias de origem.

O genograma (Guerin & Pendagast in Guerin, 1976) nos dá a visualização da estrutura familiar atual:

Procedimentos

Esta família foi entrevistada em três momentos diferentes, ao longo de um ano, tempo em que durou a coleta de dados. O *primeiro momento* foi a aplicação do Instrumento Sistemático de Avaliação Familiar que se constituiu numa filmagem em fita de vídeo da interação familiar, mediante a instrução: "Vocês vão discutir juntos, por vinte minutos, o que vocês gostariam de mudar na família de vocês"; e da aplicação do Questionário de Informação Familiar. O *segundo momento* ocorreu trinta dias após o primeiro e constituiu-se na gravação em fita cassete da interação familiar proveniente da aplicação da metodologia da E. F. E. O *terceiro momento* ocorreu um ano após a aplicação do Instrumento Sistemático de Avaliação Familiar, com a gravação em fita cassete da Entrevista Sistemática de Avaliação Familiar.

Estes dados foram colhidos com o objetivo de conhecermos a interação familiar, a história da família, e o genograma familiar. Em todos os momentos estiveram presentes a mãe (Márcia, M.) e as filhas (Fernanda, F1; Daniela, F2; e Camila, F3).

A avaliação da Cronologia da Vida Familiar foi realizada nos moldes preconizados por Satir (1977). A seguir apresentamos uma síntese dos dados da entrevista, sempre segundo as indicações dessa autora, quanto à importância do levantamento de etapas do ciclo de vida familiar.

O Avô P e a Avó M namoraram quando adolescentes, não se casaram, mas mantiveram-se sempre próximos, escolhendo-se para padrinhos dos filhos de seus respectivos casamentos, com a Avó P e o Avô M. P e M casam-se e após onze anos separam-se. Anos mais tarde, a Tia P e o Tio M, novamente filhos dos mesmos casais (vide Genograma), casam-se também, parecendo garantir a não-separação do Avô P e da Avó M.

A escolha dos cônjuges feita por M e P define como a "homeostase conjugal básica (...) começou a ser formada (Satir, 1977, p. 180). O namoro propiciou o aparecimento das dimensões da afetividade e sexualidade, mas também da necessidade de

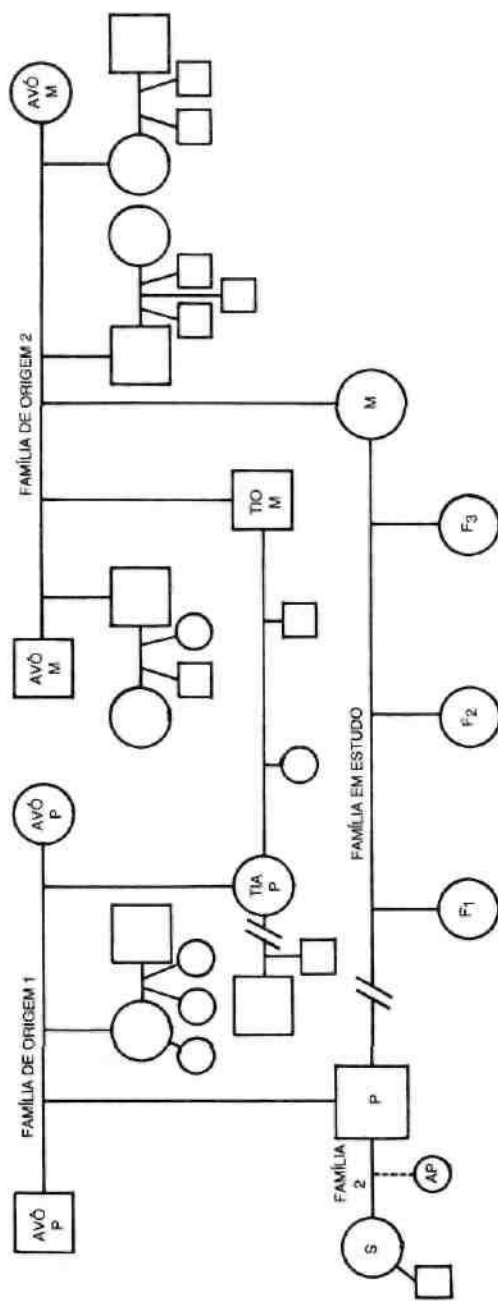


Figura 1 – Genograma da família.

LEGENDA DO GENOGRAMA:

Família em Estudo

- M – Mãe, 41 anos, funcionária pública;
- F1 – Filha, 18 anos, 3º grau;
- F2 – Filha, 15 anos, 2º grau, e
- F3 – Filha, 13 anos, 1º grau.

Família de Origem 1

- Avô P – avô paterno;
- Avô M – avô materno;
- Tio P – tia paterna e materna; e
- Tio M – tio materno e paterno.

Família 2

- P – Pai, 46 anos, área de transporte;
- S – Atual esposa do Pai (recasamento);
- R – Filhos de S; e
- AP – Filha adotiva de P e S.

Família de Origem 2

- Avô M – avô materno;
- Avô M – avô materno;
- Tia P – tia paterna e materna; e
- Tio M – tio materno e paterno.

afastamento de P, e abandono a M por outras moças (fala 1) (vide apêndice), bem como de sua condição determinada frente a um objetivo, no caso, a conquista de M.

O casamento deu-se em 1967, estando M com 21 anos e P com 25 anos. Permaneceram casados 11 anos, desquitados por 3 anos e divorciados há 7 anos, P re-casou-se há 7 anos e permanece recasado até hoje.

Uma observação constante durante todo o período que abarcou o casamento, foi o de solidão de M, viagens constantes de P por motivo de trabalho, desatenção deste, tanto para com as filhas como para problemas domésticos.

As lembranças sobre o período do casamento incluem, ainda, a autoridade de P sobre as filhas, prazer na relação conjugal e sexual do casal, união entre as irmãs, brincadeiras e diversões entre o pai e as filhas, e o início da formação profissional.

A família migrou, nos 11 anos de casada, para quatro lugares diferentes, sempre por exigência do trabalho do pai. Moraram na Paraíba de 1967 a 1970, no Paraná de 1971 a 1973, em Pernambuco de 1974 a 1976 e em Brasília a partir de 1977.

Finalmente, o período do casamento inclui o desconhecimento de M acerca de um relacionamento extra-conjugal de P, com S, com a qual veio a se casar posteriormente, sendo este o motivo da separação conjugal. S era sua colega de trabalho.

A separação conjugal deu-se em 1978, quando a família morava há um ano em Brasília.

As famílias de origem não tiveram nem influência nem participação sobre a separação conjugal.

Na época da separação conjugal P estava com 36 anos, M com 32 anos, F1 com 9 anos, F2 com 7 anos e F3 com 4 anos. M foi seguramente, confirmada por todas, quem mais sofreu com a separação conjugal, sendo descrito claro, um quadro de depressão.

Após a separação conjugal, M resolve permanecer em Brasília, morando com as filhas, e consegue sua inserção profissional numa organização pública no âmbito federal.

A partir daí o contato de P com as filhas é esporádico e sem continuidade, há menção a somente um período de férias das filhas passado com o pai em 1982, no Rio de Janeiro, onde morava na ocasião. Porém há lembranças do apoio dado pelo pai a F1, durante o período em que esta prestou o vestibular, há dois anos atrás.

A separação conjugal também determinou o afastamento da família de origem de P, sendo que, no momento, as filhas desconhecem maiores dados sobre tios e primos paternos.

A família descasada, atualmente, não recorre às famílias de origem para a solução de problemas, preferindo-se manter à distância, a compartilhar suas tristezas, conforme dados colhidos na entrevista.

A atualidade parece ser um período rico para a família. No início de 1989, com o anúncio da viagem de P para residir num país estrangeiro, uma série de fatos se desencadeou. P, M e S encontraram-se para conversar, pela primeira vez desde a separação conjugal, sendo que F1 recebeu um convite do pai para morar com ele, por um período, no estrangeiro.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados coletados foram avaliados em função de sua especificidade e objetivo, fornecendo uma possibilidade de avaliação em dimensões diferentes, mas que se complementaram.

A dimensão quantitativa foi avaliada através do Instrumento Sistemático de Avaliação Familiar que teve seu procedimento efetuado conforme orientação do autor.

A dimensão qualitativa foi avaliada com três materiais diferentes:

- o registro verbal e não-verbal da aplicação do Instrumento Sistemático de Avaliação Familiar;
- o material verbal e não-verbal constante da E. F. E.;
- o material verbal e não-verbal constante da Entrevista Sistemática de Avaliação Familiar.

Esses resultados foram analisados em três dimensões distintas, e a interpretação qualitativa seguiu o modelo de Delineamento Qualitativo da Fenomenologia Semiótica utilizado por Gomes (1987). Este modelo fundamenta-se na fenomenologia e na semiótica, e a análise organiza-se na sequência de três reflexões fenomenológicas: descrição, redução e interpretação.

Consideramos o nível da descrição como o registro propriamente dito da interação familiar, no material verbal; o nível da redução foi o enfoque sobre a dinâmica ocorrida nos sub-sistemas que evidenciaram os recortes temáticos; e o nível da interpretação, que ocorreu simultaneamente ao nível de redução, se fez presente na síntese de cada uma das entrevistas.

A dimensão qualitativa contém ainda a interpretação do material verbal e não-verbal do Quadro Evolutivo da Vida Familiar (Cronologia).

O Instrumento Sistemático de Avaliação Familiar nos forneceu os seguintes resultados: presença de saúde e de patologia, para orientação interior, tendência para o estilo centrífugo, o que definiria, segundo Beavers e Voeller (1983), a família descasada como "Família Média Centrífuga". Ainda com relação a este instrumento, a família se auto-percebe como tendo um estilo misto e saúde média.

Na escala E. F. E. a família foi localizada numa posição que evidencia tendência à facilitação da saúde mental de seus membros.

Os resultados qualitativos provenientes da análise do Instrumento Sistemático de Avaliação Familiar e da E. F. E. são expostos a seguir, dimensionando dois eixos de análise, que denominamos: Da Homeostase à Mudança, e A Separação Conjugal como Possibilidade de Crescimento a Partir do Rompimento da Delegação.

Da homeostase à mudança

Uma das condições que mais pressiona e influencia a família é a sua sobrevivência econômica. Brasília se apresenta como uma nova opção de trabalho, e também de um trabalho mais qualificado politicamente, por ser a sede do Poder Nacional. Difícilmente as famílias optam por morarem aqui. Essa escolha é muito maior sempre em função da demanda do trabalho do homem (Pastore, 1969), o que traz uma mudança necessária na questão de valores, e na qualidade da interação conjugal.

A família em estudo migrou para Brasília por ocasião do trabalho do marido, e a separação conjugal ocorreu um ano após estarem morando nesta cidade.

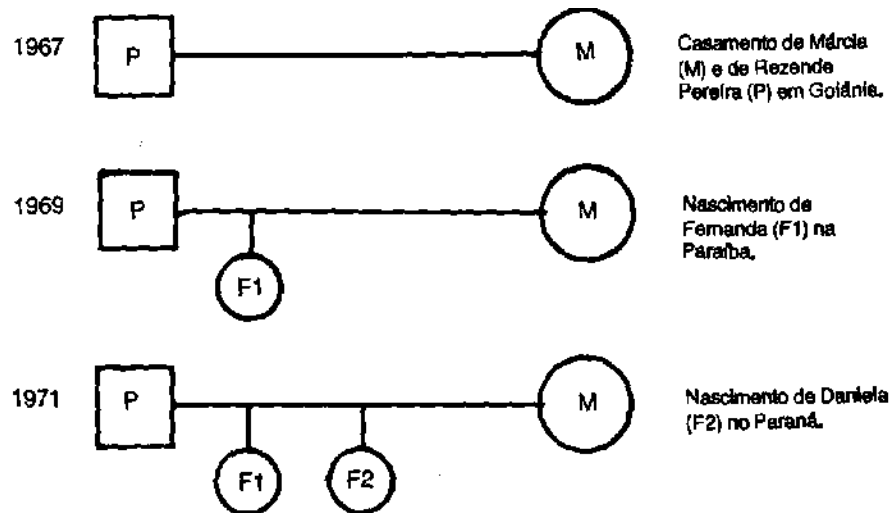
Minuchin (1982) descreve as características da família emaranhada como girando em torno de si mesma, desenvolvendo um micro-cosmo com aumento de preocupação entre seus membros. Esta família descasada ao ter sua interação enfocada apenas no que determinamos de *trama familiar*, apresentou fechamento para o exterior, troca de papéis entre mãe e filhas, dificuldade de permitir a individualização, e um sentimento exagerado de pertencimento ao sistema.

Além da *trama familiar*, pudemos observar a mãe com dificuldade de deter o poder, assumindo um papel de filha, frágil, necessitando ser amparada, ao mesmo tempo que as duas filhas mais velhas aparecem como figuras protetoras da mãe. Um outro tema que denuncia a resistência à mudança é o conflito entre optar pelos temas Velhice x Juventude. Aparecem também a questão da cobrança de maior responsabilidade por parte da mãe, e uma tentativa de limitação de invasão pessoal por parte das filhas.

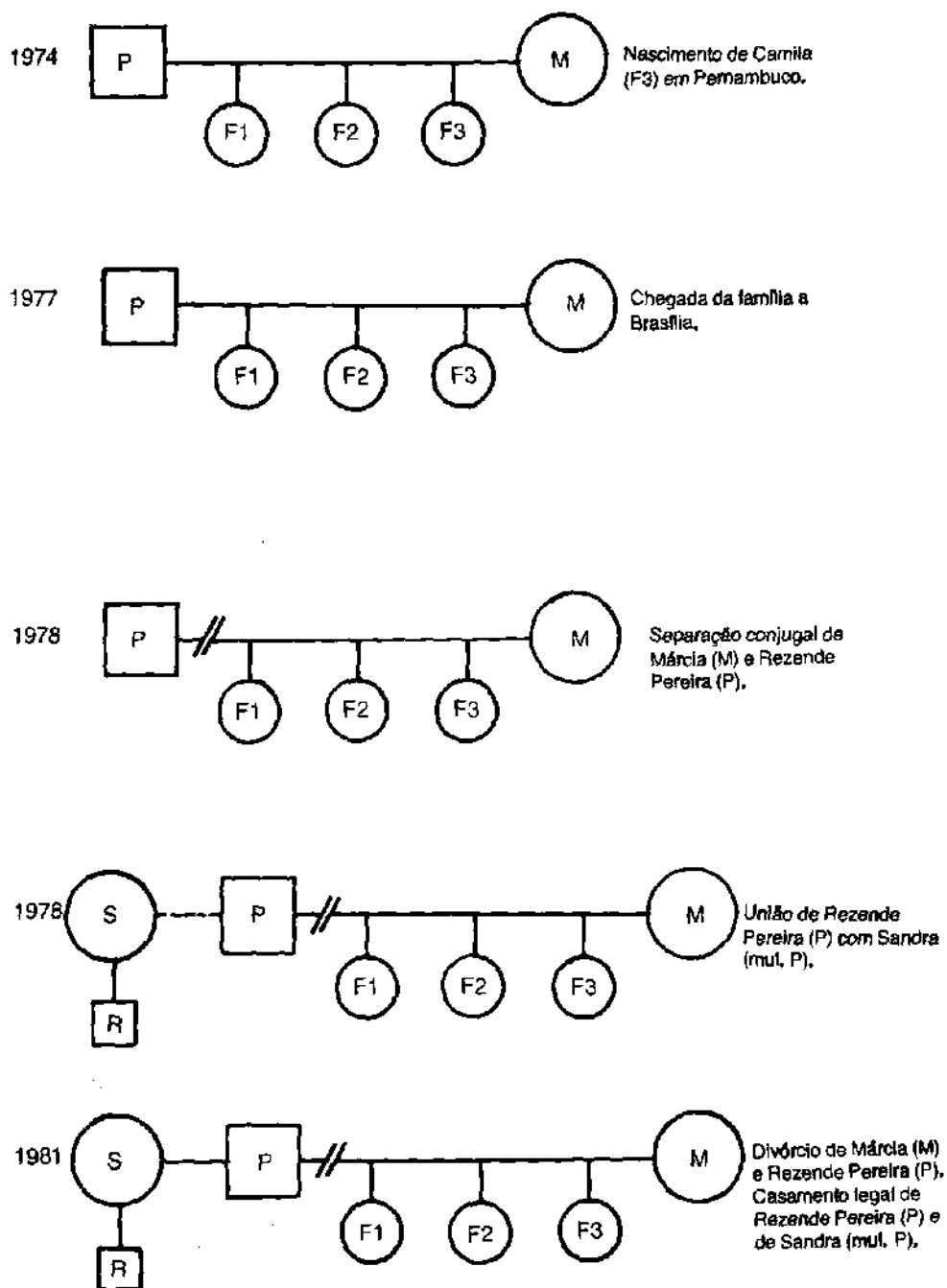
A compreensão dessa dimensão nos dá o enfoque da família descasada como disfuncional. A funcionalidade da família não pode ser avaliada só pela sua configuração e organização, mas também por sua evolução no tempo (Berenstein, 1984), e para isso agregamos o resultado qualitativo da Entrevista Sistemática de Avaliação Familiar.

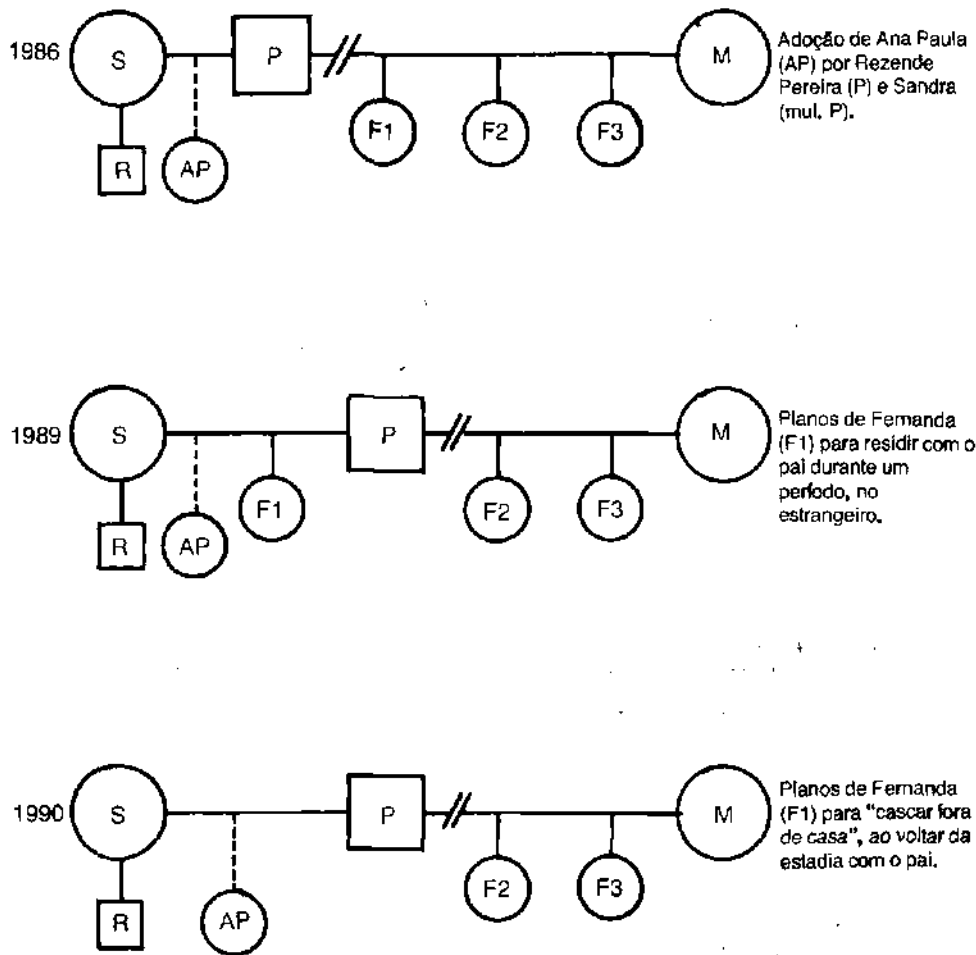
Somente ao termos uma compreensão histórica e evolutiva da família vamos compreender esse momento disfuncional, a construção da *trama familiar* como recurso homeostático que a família encontrou para fazer frente à ameaça de separação de seus membros, e possível dissolução da família, quando a mãe mostrou-se deprimida e sem condições de organização do sistema, tanto a nível estrutural como espacial. A história da separação conjugal resgata a saída do pai de casa como repentina, a falta de percepção da mãe ao afastamento do pai, anterior à separação, e a exclusão das famílias de origem dos fatos que ocorreram durante a separação conjugal.

Um quadro evolutivo ilustra bem como a família se organizou e se compôs ao longo do casamento e descasamento:



A família descasada





Quadro 1 - Genograma da família. Os nomes das pessoas são fictícios.

A formação da *trama familiar* funcionou como restabelecimento da homeostase, mas não comprometeu a estrutura familiar, nem rigidificou a interação, como veremos adiante. A família mostrou-se, por um período, fechada como proteção a seus membros, e podemos entender, como Minuchin (1965), que essa organização funcionou como forma de transição. Ainda sobre a *trama familiar*, outra característica que ressalta sua funcionalidade é quanto ao que esta situação proporcionou a seus membros, em termos de apoio e suporte mútuo, como um recurso encontrado para enfrentarem as ansiedades frente ao movimento pendular de aproximação a afastamento da figura do pai. Este foi morar, imediatamente após a separação conjugal, com

outra mulher, e continuou mudando de local de moradia, sempre em função de seu trabalho, o que introduziu um distanciamento das filhas.

A separação conjugal não implica necessariamente em afastamento dos filhos, ou da ex-esposa. Neste caso sim. Uma das características dessa família é o abandono do pai/esposo com relação a todo sistema descasado, e nesse sentido Brasília, por ser uma cidade essencialmente migratória, contribui para o isolamento da família. Assim, parece que a família, novamente, funcionou como uma *trama familiar*, talvez para fazer frente a constantes perdas e separações, já que anteriormente, como casada, a família migrou quatro vezes, do nordeste ao sul do país, nunca morando em sua cidade de origem ou junto às suas famílias de origem. O movimento de fechamento foi inevitável e, até certo ponto, saudável, pois proporcionou garantir a continuidade do sistema.

Dentro da dimensão histórica, quando se pode comparar observações realizadas ao longo de um ano (1988/1989) com essa família descasada pudemos ter acesso ao desenrolar dos fatos da atualidade quando a filha mais velha reivindica seu papel de filha e aceita o convite do pai para viverem mais proximamente, quando a mãe faz planos de morar só e arranjar um namorado, e também de reintroduzir o respeito no relacionamento com o ex-marido, fatos que mostram que a família descasada apresentou uma configuração de transição disfuncional, como restabelecimento da homeostase, mas sem comprometer sua facilitação para saúde mental de seus membros e a busca por mudanças.

A separação conjugal como possibilidade de crescimento a partir do rompimento da delegação

As famílias ordenam seus acontecimentos numa organização temporal que contém todas as características da estrutura familiar. Os acontecimentos vividos se encontram no passado, presente, e no que se espera viver no futuro. Essas três dimensões temporais são importantes para Berenstein (1984) e para Satir (1977). É através da análise dos acontecimentos no tempo que podemos estabelecer a relação entre eles. A forma como a família narra os acontecimentos, aqueles enfatizados, aqueles esquecidos, constituem a sua história, com seu significado evolutivo.

Tendo em vista as dimensões histórica e evolutiva dessa família damos conta do quanto M, ao vivenciar e assumir a separação conjugal, na verdade retomou um caminho individual de escolhas e decidiu-se a romper, mesmo que na época não o pudesse avaliar corretamente, o *mandado* da geração de seus pais.

Tanto Andolfi e Angelo (1989) como Stierlin e colaboradores (1981) encaram a questão da individuação como um processo relacional. Uma geração sempre *fala* implicitamente da geração anterior.

Delegação (Stierlin e col., 1981) significa confiar uma missão, é "um vínculo de lealdade que une o delegante ao delegado" (p. 47). O encargo a ser cumprido é passado desde a mais tenra idade, e não se constitui, necessariamente, em patologia. Os conflitos podem surgir quando o encargo, a missão a ser cumprida não se concilia em outros encargos ou levam a pessoa a tomar caminhos diferentes, especialmente se o caminho mantém o indivíduo permanentemente ligado ao campo circunscrito da famí-

lia. A delegação é uma ligação, uma obrigação ou compulsão a dar contas à família, que pode se manter ao longo de várias gerações-

Nesta família em estudo, conforme vimos anteriormente, a questão da separação, viabilizada ou não, elaborada ou não, é um tema presente como também nas famílias de origem.

F2 (fala 2) (vide apêndice) e F1 (fala 3) parecem denunciar o quanto o desejo dos avós se casarem, e sua frustração *embalou* a evolução e as escolhas dos membros da família.

Parece que as famílias de origem têm procurado se mostrar ligadas, evitando a separação dos avós (ex-namorados), através de vários movimentos de namoro, apadrinhamentos e casamentos nas gerações subsequentes.

Atualmente a família não tem contato com a família de origem do pai, denunciando o movimento de abandono do pai, que parece ser extensivo a sua família de origem, o pai não mostra contato com a irmã (Tia P). Por outro lado a família de origem de M parece se colocar de modo diferente, com algum contato, mas sem grande participação, em virtude de uma posição que a família descasada assume que é de gerenciar suas dificuldades sozinha.

Através da fala 4 (vide apêndice) de F2 vemos como a família descasada tenta o isolamento das influências das famílias de origem, ou das coisas do passado.

Sendo assim, a separação conjugal proporcionou a possibilidade da mãe se resgatar como mulher. De uma maneira geral, a atualidade proporciona o resgate da interação na constelação familiar original, bem como o resgate da amizade e relacionamento da mãe com o ex-esposo funcionando como uma necessidade de cumprir um estágio na reformulação de seus valores.

CONCLUSÃO

Os autores que vêm estudando a família descasada têm insistido em vê-la sob a compreensão de um momento único, em que ela já se estrutura como descasada. E, nesse sentido, poucos são os trabalhos que enfocam a competência da família descasada. Além de existirem poucas publicações sobre a saúde mental desse sistema. O conteúdo apontado é o da doença e distúrbios com clara tendência a associar des-casamento a doenças psiquiátricas. Exemplos são encontrados em Landis (1960), Tuckman e Regan (1966), McDermott (1970), Westman, Cline, Swift e Kramer (1970), Rutter (1971), Briscoe, Smith, Robins, Marten e Gaskin (1973), Kalter (1977), Hainline e Feig (1978), Kagel (1978), Futterman (1980), Berkman (1984), Plumner e Koch-Hattem(1986).

No entanto, autores como Stierin e colaboradores (1981), Minuchin (1985) e Renne (1971) promovem uma nova concepção da condição de pessoa descasada, ao mostrarem que a dissolução de casamento infeliz é uma medida inevitável com o intuito de melhoria de vida, que a separação conjugal não é um sintoma de doença ou de incapacidade de manter uma relação a dois, mas a indicação de um componente saudável que conduz à mudança e que a família descasada é uma organização familiar viável.

Colocamo-nos ao lado desses autores ao dimensionarmos a saúde mental da família descasada e, defendemos que este sistema familiar não pode ser comparado,

como configuração descasada, a uma outra configuração casada. Precisamos estudar a família descasada levando-se em conta sua organização, seu contexto cultural, sua interação atual e avaliá-la, principalmente em relação a sua dimensão histórica.

Como parte do plano da pesquisa procedemos a uma entrevista de devolução dos dados do estudo. Nesta ocasião, o ponto que pareceu comover mais à mãe, foi o entendimento do seu casamento, como uma delegação de seus pais e dos pais de P também à continuidade da ligação entre as famílias, como forma de negar o namoro frustrado na geração de seus pais.

A individuação e a separação, suas vicissitudes com as necessárias mudanças são temas que reaparecem na família descasada, que parece ter assimilado essas angústias das famílias de origem.

No entanto, cremos que M e P ao assumirem uma separação conjugal estavam, na verdade, retomando um caminho de individuação, descumprindo uma missão, e criando a possibilidade de organizarem suas vidas pessoais e familiares a partir de caminhos e opções individualizados e separados dos desejos da geração anterior. Acreditamos que a separação conjugal além de ser o marco da retomada da individualização, inicia também o ciclo de mudanças que irá diferenciar esta geração da anterior.

APÊNDICE: TRECHOS DA ENTREVISTA

Fala 1 - Mãe - Pressenti que ele tinha outra namorada, af eu falei pra ele que não, que estava tudo terminado, que eu não, não queria.

Fala 2 e 3 - F2 - Vá contando história desde a vovó que namorava com o vovô.

F1 - Eu tô, eu tô... Não, você acredita que a vovó namorava?

F2 - Vovó, por parte de mãe.

F1 - Com o vô.

F2 - Namorava com a vó, que é por parte de pai, no começo...

E - A mãe da mãe namorou com o pai do pai?

F2-É.

M - ri.

F1 - É. por isso que está tudo assim, ô.

M-ri.

F2 - Af começou, sabe a relação, si foi embolando, deu no que deu.

M-ri.

F1 - Aí acabou ô! Casa com ele! Mãe! Casa com ele que ele é bom menino!

M-ri.

F2 - Era comadre. Essa você não sabia.

E - Então a família da mãe teve uma participação na formação do casal?

F2 - Ah! Não sei...

M - Acho que é assim, houve uma tentativa...

M - Aí, eles, quer dizer um escolheu um parceiro, e eles têm também, trocaram, um é padrinho do filho do outro, sabe? é... F1 - Isso af é casamento frustrado. F2 - Isso é casamento frustrado? De quatro.

Fala 4 - F2- Mais ligado, né? Morando na mesma cidade, assim? Ia ficar aquele negócio de ficar cobrando na nossa família, e ia ficar, no mínimo, empacado, não ia desenvolver mãe, ia ficar sabe aquele? porque, família assim, nas horas sempre quer mexer, sabe?

REFERÊNCIAS

- Andolfi, M. (1981). *Terapia familiar*. Lisboa: Vega.
- Andolfi, M., Angelo, C. Menghi, P. & Nícolo-Corigliano, A. (1984). *Por trás da máscara familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas. Andolfi, M., & Angelo, C. (1989). *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas. Ackerman, N. W. (1986). *Diagnóstico e tratamento das relações familiares*. Porto Alegre: Artes Médicas. Barsted, L. L. (1987). Permanência ou mudança? O discurso legal sobre a família. Em A. Almeida, A. (Org.). *Pensando a família no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ. Beavers, R. (1981). A systems model of family for family therapists. *Journal of Marital and Family Therapy*, 7, 299-307. Beavers, R. & Voeller, M. (1983). Family model: Comparing and contrasting the Olson Circumplex Model with the Beavers System Model. *Family Process*, 22, 85-98.
- Berenstein, I. (1984). *Família y enfermedad mental*. Buenos Aires: Paidós, 2-reimpresion. Berkman, C. F. (1984). Child psychiatry and the law. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 23 (6), 708-712. Blumenthal, M. D. (1967). Mental health among the divorced. *Archives of General Psychiatry*, 16, 603-608. Brasil (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal. Briscoe, C. W., Smith, J., Robins, E., Marten, S., & Gaskin, F. (1973). Divorce and psychiatric disease. *Archives of General Psychiatry*, 29, 119-125. Bruyne, P., Herman, J., & Schoutheete, M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 3-ed., s/d. Bucher, J. S. N. F. (1979). Desquite, divórcio, concubinato - comunicação. *Arquivos do Ministério da Justiça*, 152, 177-182. Calil, V. L. L. (1987). *Terapia familiar e de casal*. São Paulo: Summus. Carneiro, T. F. (1983). *Família: diagnóstico e terapia*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. Carneiro, T. F. (1987). Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento contemporâneo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3 (3): 250-261. Costa, G. & Katz, G. (1985). A vida emocional do descasado. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 2 (2): 164-169. Da Matta. R. (1987). A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. Em Almeida, A. M. (Org.). *Pensando a família no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ.

- Elkaim, M. (Org.) (1988). *Formações e práticas em terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas. Figueira, S. A. (1987). O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. Em S. A. Figueira (Org.). *Uma nova família?* Rio de Janeiro: Zahar. Futterman, E. H. (1980). Child psychiatry perspectives. After the "civilized" divorce. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 19, 525-530. Gomes, J. C. V. (1987). *Manual de Psicoterapia Familiar*. Petrópolis: Vozes. Gomes, W. B. (1987). As aplicações sociais da pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2 (1 12): 3-14. Guerin, P. J. & Pendagast, M. A. (1976). Evaluation of family system and genogram in Guerin, P. J. (Ed.). *Family Therapy*. New York: Gardner Press. Hainline, L. & Feig, E. (1978). The correlates of childhood father absence in college-aged women. *Child Development*, 49, 37-42. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (1988). *Perfil estatístico de crianças e mães no Brasil*. Rio de Janeiro. Jackson, D. D. (1976). El estudio de la familia in Ackerman N. W. *Grupoterapia de la familia*. Buenos Aires: Ed. Horme. Ludke, M. & André, M. E. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, E. P. U. Kagel, S., White, R., & Coyne, J. (1978). Father absent and father present families of disturbed and nondisturbed adolescents. *American Journal of Orthopsychiatry*, 48 (2): 342-352. Kalter, N. (1977). Children of divorce in an outpatient psychiatric population. *American Journal of Orthopsychiatry*, 47 (1): 40-51. Kornblit, A. (1984). *Somática familiar, enfermedad orgánica y familia*. Barcelona, Gedisa. Landis, J. T. (1960). The trauma of children when parents divorce. *Journal of Marriage and Family Living*, 22, 7-13. Lewis, J., Beavers, R., Gosset, J. & Phillips, V. (1976). *No single thread*. New York: Brunner/Mazal, 6th edition. Maldonado, M. T. (1986). *Casamento: término e reconstrução*. Petrópolis: Vozes. Mc Dermott, J. F. (1970). Divorce and its psychiatric sequelae in children. *Archives of General Psychiatry*, 23, 4?1-427. Minuchin, S. (1982). *Famílias, funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas. Minuchin, S. & Fishman, H. (1985). *Técnicas de terapia familiar*. Barcelona: Paidós. Minuchin, S. (1985). *Calisdocopio familiar*. Buenos Aires: Paidós. Offord, D., Abrams, N., Allen, N. & Pooshinsky, M. (1979). Broken homes, parental psychiatry illness, and female delinquency. *American Journal of Orthopsychiatry*, 49 (2): 252-264. Pastore, J. (1969). *Brasília: a cidade e o homem*. São Paulo: Cia - Ed. Nacional. Plummer, & Koch-Hattem (1986). Family stress and adjustment to divorce. *Family Relations*, 35, 523-529. Renne, K. (1971). Health and marital experience in a urban population. *Journal of Marriage and the Family*, 33, 338-350.

- Richter, H. E. (1979). *A família como paciente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rutter, M. (1971). Parent-child separation: Psychological effects on the children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 12, 233-260.
- Sampaio, D. & Gameiro, J. (1985). *Terapia familiar*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Satir, V. (1977). *Terapia do grupo familiar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed.
- Schoettle, V. C. & Cantwell, D. P. (1980). Children of divorce. Demographic variables, symptoms and diagnosis. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 19, 453-475.
- Seagraves, R. T. (1980). Marriage and mental health. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 6 (3): 187-198.
- Selvini-Palazzoli, M., Cirillo, S., D'Ettorre, L., Garbellini, M., Ghezzi, D., Lerma, M., Luchini, M., Martino, C., Mazzoni, G., Mazzucchelli, F., & Nichelle, M. (1987). *El mago sin magia*. Buenos Aires: Paidós.
- Selvini-Palazzoni, M., Boscolo, L.; Cecchin, G., & Prata, G. (1983). *Paradoxe et contreparadoxe*. Paris: E. S. F., 4me edition.
- Shazer, S. (1986). *Terapia familiar breve*. São Paulo: Summus.
- Stierlin, H., Rucker-Emden, I., Wetzell, N., & Wirsching, M. (1981). *Terapia de família. La primera entrevista*. Barcelona: Gedisa.
- Tuckman, J., & Regan, R. (1966). Intactness of the home and behavioral problems in children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 7, 225-233.
- Westman, J., Cline, D., Swift, W., & Kramer, D. (1970). Role of child psychiatry in divorce. *Archives of General Psychiatry*, 23, 416-420.

Artigo recebido em 17/09/90.